



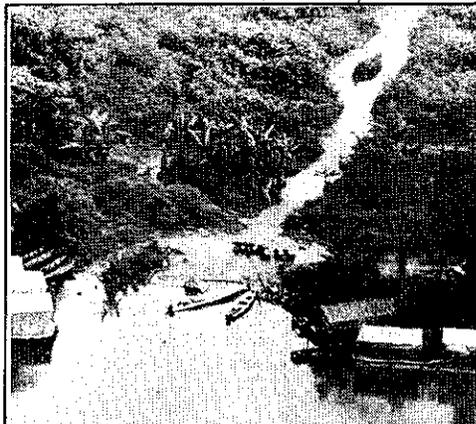
Os aviões desembarcaram milhares de garimpeiros



Os índios perdem terreno para os garimpeiros



A saída: ir cada vez mais longe.



Na região, muito ouro.



Os índios: abandono total.

E os garimpeiros já dominam área dos índios Ianomamis. São 60 mil.

A área habitada pelos índios Ianomami, em Roraima, está invadida por 60 mil garimpeiros. O governo do Estado não sabe como controlar essa situação. Os índios dizem que essa invasão é uma forma política de exterminar nove mil deles que vivem espalhados ao longo da fronteira com a Venezuela. A invasão não pára. A pé, ou em pequenos aviões, os garimpeiros estão chegando até as áreas de garimpo, incluindo pequenos igarapés e rios, como o Uraricoera, o rio de Macunaíma, na lenda dos Macuxis, onde centenas de máquinas instaladas em balsas perfuram seu leito em busca de ouro.

O governador Romero Jucá considera a invasão "um fato consumado" e defende que agora o importante é organizar a exploração do ouro nessa região. Os militares da área apóiam essa posição e alegam que a expulsão dos garimpeiros poderia criar um sério impacto social. Mas o senador Severo Gomes (PMDB-SP) e os integrantes da Ação pela Cidadania, que esta semana visitaram a área, denunciam: está se cometendo contra os ianomami "um verdadeiro genocídio".

Dispostos a denunciar a situação no Congresso Nacional e ao Ministério

da Justiça, o senador e o deputado Plínio de Arruda Sampaio (PT-SP) estão defendendo a extinção da Funai e a reformulação da política indigenista. Os parlamentares ficaram chocados com a situação na área de Paapiú, onde a maloca dos índios fica a menos de cem metros de um prostíbulo e o posto da Funai está abandonado. Os índios estão entregues à própria sorte. No posto médico, os medicamentos — quase todos vencidos — estão espalhados pelo chão, junto com seringas descartáveis. O chefe, João Davi, só consegue levar os índios doentes até Boa Vista se pagar os pilotos que pousam em Paapiú.

A situação se repete em outras áreas, onde os índios se dividem sobre a presença dos garimpeiros. Em Jericó, por exemplo, onde vive um subgrupo Ianomami, os Xiriana, os índios fizeram um acordo com os garimpeiros: eles vão receber 200 gramas de ouro — NCz\$ 7 mil — para que as máquinas possam iniciar o trabalho na área: "Tenho falado para o meu povo que o rio vai ficar cheio de óleo, mas eles acham que nós vamos morrer de qualquer jeito", argumenta o índio Raimundo.

Inferno

Nos últimos meses, Boa Vista se

transformou num verdadeiro inferno para a população que não vive em torno da atividade do garimpo.

O ouro é a moeda que finaliza os grandes negócios na cidade e os preços dos aluguéis e dos alimentos afugentam os moradores. Um quilo de tomate chega a ser vendido por NCz\$ 10,00; a cenoura por NCz\$ 9,00; e um barraco de madeira — quarto e banheiro — já está sendo alugado por NCz\$ 250,00. Quarenta sargentos da FAB estão morando no quartel por não terem condições de encontrar um imóvel que possam pagar.

Quando chegam à cidade, os garimpeiros ocupam bares e restaurantes, espantando os freqüentadores habituais. Mas para o comércio os lucros se multiplicam. São dezenas de lojas que compram ouro e as que vendem de tudo para o garimpo.

O Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e Recursos Naturais Renováveis (Ibama) decidiu brigar na Justiça para expulsar os garimpeiros que invadiram a área há seis meses. Para isso, além de liminar que dá sustentação legal à medida, o Ibama requereu à Justiça federal no Amazonas reforço policial para retirar os garimpeiros.